

ESCAPADA, DE EVELYN SCOTT: ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA, RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA NO EXÍLIO BRASILEIRO

EVELYN SCOTT'S ESCAPADE: AUTOBIOGRAPHICAL WRITING, RESISTENCE AND SURVIVAL IN THE BRAZILIAN EXILE

Maria das Graças Salgado¹

Resumo: Evelyn Scott (1893-1963) foi uma escritora da elite americana que, ainda menor de idade, fugiu com um renomado pesquisador, casado e pai de quatro filhos, para viver uma espécie de exílio autoimposto no Brasil, entre 1914-1919. Mas a terra idealizada como refúgio tropical provou ser o desafio em que Evelyn Scott lutaria para sobreviver à doença, pobreza e isolamento em um país cuja cultura e língua lhe eram completamente desconhecidas. Uma das formas de expressão do escritor(a) exilado(a) se realiza através de escritas da vida, como autobiografias. Este trabalho objetiva analisar a autobiografia *Escapada* (2019 [1923]), de Evelyn Scott, a partir das perguntas: Oriunda da elite sulista americana, como o ato de descrever o cotidiano de pobreza no Brasil pode ter ajudado Evelyn Scott a enfrentar as dificuldades da nova realidade e, ao mesmo tempo, prover os fundamentos da escritora de sucesso que ela se tornaria ao retornar para seu país de origem? Quais dificuldades específicas foram determinantes para a forma e o conteúdo de *Escapada*?

Palavras-chave: Evelyn Scott. *Escapada*. Autobiografia. Exílio. Brasil.

Abstract: Evelyn Scott (1893-1963) was an upper-class American writer who, still a minor, eloped with an older married scholar, father of four, to live a sort of self-imposed exile in Brazil between 1914 and 1919. But the idealized tropical refuge proved to be the challenge where Evelyn Scott would struggle to survive illness, poverty, and isolation in a country whose culture and language were completely unknown to her. One of the forms of expressions for the exiled writer is achieved through life-writings, such as autobiographies. This paper aims at analyzing Evelyn Scott's *Escapade* from the starting point of the following questions: Coming from an elite Southern background, how does the act of describing the daily life of poverty in Brazil might have helped Evelyn Scott to face the difficulties of the new reality and at the same time provide the foundations for the successful writer that she would become in returning to her country of birth? Which specific difficulties might have been defining for the form and content of *Escapade*?

Keywords: Evelyn Scott. *Escapade*. Autobiography. Exile. Brazil.

Introdução

A experiência concreta do exílio se dá com base em motivações que incluem desde guerras e perseguições políticas e religiosas no país de origem dos expatriados até razões de âmbito mais pessoal. Neste caso, tratando-se mais do que pode ser chamado de exílio autoimposto, ou voluntário. Na literatura, o tema do exílio data de tempos imemoriais, tendo ocupado papel fundamental em obras primas da literatura ocidental, como *Odisseia*, de Homero e *Édipo Rei*, de Sófocles. O tópico é, portanto, antigo, provavelmente tão antigo quanto a própria literatura escrita. Talvez por isso mesmo, tanto na vida moderna como na literatura que emerge da revolução tecnológica dos dias de hoje, termos como exílio, deslocamento, diáspora, refúgio e outros do mesmo campo semântico têm adquirido importância e visibilidade cada vez maiores, ao mesmo tempo que impõem novas possibilidades de significado.

¹ Professora Associada. Departamento de Letras e Comunicação. Projeto de pesquisa: Cultura e Discurso Autobiográfico. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

The exile of Adam and Eve from the Garden of Eden, the wanderings of Odysseus, the diaspora of the Jews all speak to a fundamental sense of loss, displacement and a desire to regain a paradisiacal sense of unity and wholeness, whether spiritual or secular. For many, though, that loss is transformed from the pain of dispossession into an alternative way of seeing. For Joyce's Stephen Dedalus the "silence, exile and cunning" of his self-imposed expatriation provides the means to express untrammelled his artistic vision. For Salman Rushdie, the idea of homeland is intrinsically "imaginary." For scholarly émigrés such as Edward Said and Julia Kristeva, exile is the necessary condition of the intellectual.² (OUDITT, Sharon, 2002, p.xii)

Em meio à crescente visibilidade que o tema impõe, estudiosos apontam que um dos caminhos para expressão do escritor exilado mais celebrados na modernidade é feito através da chamada escrita da vida, termo que apesar de impreciso representa para parte significativa dos especialistas (Marcus 1994; Saunders 2010), o campo mais amplo do saber que inclui biografias, autobiografias, *memoirs*, diários, cartas, entre outras formas de expressão da linguagem.

Evelyn Scott (1893-1963) tinha dezenove anos de idade quando abandonou as origens de uma elite social sulista estadunidense pretensamente aristocrática para fugir como amante do renomado médico e acadêmico da Universidade de Tulane, Frederick Wellman (1879-1960), que logo assumiu o pseudônimo de Cyril Kay-Scott. O Dr. Wellman, além de ser casado, tinha mais que o dobro da idade dela e era pai de quatro filhos à época dos acontecimentos. O escândalo social sem precedentes se tornou um caso de polícia e, no final de 1913, pressionados pela repercussão e pelas consequências legais do *affair*, o casal foge da pequena cidade de Clarksville, no Tennessee. Inicialmente vão para Nova Orleans. De lá, seguem para Nova York e depois para Londres. Sem grandes perspectivas de trabalho na cosmopolita capital inglesa e ainda receosos de serem capturados, fazem a escolha radical de, às vésperas da eclosão de uma guerra mundial, embarcar para um desconhecido Brasil, onde eventualmente enfrentariam pobreza extrema, isolamento e desespero. O processo foi

² O exílio de Adão e Eva, do Jardim do Eden, as perambulações de Odisseu, a diáspora dos judeus, todos falam de um sentido fundamental de perda, deslocamento e desejo de readquirir um sentido paradisiaco de unidade e completude, seja espiritual ou secular. Para muitos, entretanto, essa perda, essa dor da desapropriação, é transformada em uma forma alternativa de ver o mundo. Para Stephen Dedalus, de Joyce, o "silêncio, exílio e sagacidade" do seu expatriamento autoimposto oferece os meios para expressar sua visão artística sem entraves. Para Salman Rushdie, a ideia de terra natal é intrinsecamente "imaginária". Para imigrantes acadêmicos como Edward Said e Julia Kristeva, exílio é a condição necessária do intelectual. [*Tradução nossa*]. Citação retirada de Alexandru Boldor. *Exile as severance*. Tese de Doutorado. Louisiana State University, 2005, p.1.

especialmente duro para Evelyn, que chega ao país grávida. E para piorar mais ainda o quadro, além de ser mulher, jovem e estrangeira, ela não falava uma palavra do nosso idioma. Diferentemente do companheiro, que tinha vivido em países africanos de língua portuguesa na juventude e dominava perfeitamente o português.

Essa experiência dramática e inusitada provoca questionamentos inevitáveis. Neste trabalho, analisamos como se deu a experiência de Evelyn Scott no Brasil, a partir de perguntas mais específicas: oriunda da elite social norte-americana do Sul, como o processo de escrita do cotidiano de pobreza e isolamento pode ter ajudado Evelyn Scott a enfrentar as dificuldades de integração com a nova realidade e, ao mesmo tempo, prover os fundamentos da escritora de sucesso que ela se tornaria ao retornar para seu país de origem? Quais dificuldades específicas foram determinantes para a forma e o conteúdo de *Escapada*?

Os conceitos de autobiografia e exílio lançam luz na análise interpretativa a ser desenvolvida, a qual tem como base a edição brasileira de *Escapada* (Versal, 2019), recorrendo quando necessário à edição americana, *Escapade* (University of Virginia Press 1995 [1923]), para citações retiradas do posfácio desta edição.

***Escapada*: algumas palavras sobre autobiografia**

Podemos suspeitar que *Escapada* (2019), livro de Evelyn Scott rascunhado no Brasil e cujo título não poderia ser mais fiel aos acontecimentos ali narrados, se insere no campo da autobiografia. Ela mesma o explica em carta sem data dirigida à poeta e amiga Lola Ridge, localizada na documentação Ridge Papers, que:

It is an autobiography of myself in Brazil. Not like other autobiographies except in being written in the first person. It is broken in impressionistic bits, a page or so at a time and beings [seen] purely objectively, [the text] becomes more and more subjective to almost free verse self-explanation, and is to end with dreams, the final one being a slightly revised shadow play.³ (SCOTT, Evelyn, 1995, p.289)

Ao afirmar que sua obra não se tratava de autobiografia convencional, mas sim de um tipo de prosa impressionista, Scott àquela altura antecipa uma discussão acerca do conceito de autobiografia que tomaria grande impulso a partir da década de 1970, despertando o interesse tanto da teoria da literatura como dos estudos culturais até hoje. Com propriedade, Marcus (1985) entende que parte do sucesso da escrita autobiográfica foi aperfeiçoado, e mesmo

³ É uma autobiografia de mim mesma no Brasil. Não como outras autobiografias, exceto pelo fato de ter sido escrita na primeira pessoa. Há fragmentos impressionistas, uma ou outra página, e seres [vistos] de forma puramente objetiva, o texto torna-se cada vez mais subjetivo, quase uma auto explicação em verso livre que termina com sonhos, sendo o último fragmento um teatro de sombra levemente revisado. (Tradução nossa) Citação retirada do posfácio de Dorothy Scura. Afterword. In: Evelyn Scott, *Escapade*, Charlottesville and London, University Press of Virginia, 1995, p.289.

transformado, pela contribuição de três áreas de peso: a crítica feminista, os estudos sobre cultura negra, e a historiografia das classes trabalhadoras. Nessa perspectiva, gênero, raça e classe social contribuem porque adicionam vozes historicamente identificadas como minorias silenciosas [e silenciadas], ou seja, mulheres, negros e trabalhadores.

Por sua vez, Saunders (2010), distanciando-se tanto do que chama de ‘autobiografia formal’, como da ideia de autobiografia contratual sugerida por Lejeune (1994), defende o conceito de ‘autobiograficção’ (*autobiografiction*), que, segundo ele, foi a maneira que os escritores modernos do final do século XIX e início do século XX encontraram de juntar escrita da vida com ficção. Em seu *Self Impression: Life-Writing, Autobiografiction & the Forms of Modern Literature* (2010), o escritor se inspira no conceito de *autobiografiction* de Reynolds (1906) para analisar a escrita da vida no período identificado como modernista.

Nessa obra robusta sobre escritores modernistas que vão de Ford Maddox a Stefan Zweig, Saunders explica que vários aspectos o fizeram adotar o conceito de *autobiografiction*. Um deles tem a ver com o reconhecimento de que, no momento da escrita, o(a) escritor(a) tem total consciência de que está escrevendo uma fusão dos gêneros autobiografia e ficção (SAUNDERS, 2010, p.167). O segundo aspecto, podemos dizer, mais pragmático, tem relação com o fato de que o termo foi fundado na virada do século, o período que lhe interessa em suas pesquisas. O terceiro aspecto importante é que a análise de Reynolds o leva a teorizar sobre a gênese daqueles tipos de texto, ajudando-o a compreender a relação dos textos com outras formas de expressão que à época estavam sendo experimentadas no campo mais amplo intitulado ‘escrita da vida’. Um último aspecto, para nós o mais importante aqui, tem relação com os temas chave e as estratégias exploradas nesses textos, como egotismo, espírito, vida interior e estética. Nessa linha de pensamento, o conceito de *autobiografiction* é usado no sentido mais amplo de “a record of real spiritual experiences strung on a credible but more or less fictitious autobiographical narrative” (SAUNDERS, 2010, p.171).⁴ Em outras palavras, para além de identificar a transformação da autobiografia em ficção, a escrita da vida enfoca a vida e a escrita.

Essa perspectiva vai ao encontro da visão de Evelyn Scott sobre sua própria autobiografia escrita no Brasil, *Escapada*. Em carta ao amigo Otto Theis, a escritora reafirma que a obra descreve

... the first three years in Brazil written in broken impressionistic prose with some prose poems thrown in, a few critical comments on life, and shadow play (with stage

⁴ “um registro de experiências espirituais verdadeiras entrelaçadas em uma narrativa autobiográfica crível, porém mais ou menos ficcional” (SAUNDERS, 2010, p.171). (Tradução nossa)

directions removed) to finish it up... It is frank autobiography though not of the usual as it has dreams and things (I wrote them at the mines) contained in it verbatim” (WHITE, 1998, p. 77).⁵

Podemos dizer que, apesar do alto grau de consciência que tinha sobre o conteúdo de sua escrita, Scott não se encaixava em nenhum gênero formal. Para White (1998), a forma anticonvencional e perturbadora de *Escapada*, revela a luta de Evelyn Scott durante o processo mesmo de escrita para lidar com a definição de uma identidade feminina em um mundo que enfrentava mudanças muito rapidamente. Esse processo estava acontecendo também com outras mulheres modernistas, como Gertrude Stein e Virginia Woolf, cuja busca pela definição de uma identidade feminina própria reflete a tentativa de definição da própria forma de suas autobiografias (WHITE, 1998, p.77).

No caso de Evelyn Scott, nos parece que a escrita da própria vida apresenta dois pólos aparentemente contraditórios: integração e resistência. Ao mesmo tempo em que Scott tenta se conectar com a dura realidade de um Brasil ainda muito precário, ela faz um duplo movimento de resistência: um contra a nova realidade social do país estrangeiro e outro contra a sociedade do país de nascimento que havia abandonado.

A propósito dos aspectos de gênero associados à escritura de autobiografias, vale lembrar que *Escapada* não narra uma vida de grandes feitos e realizações alcançadas no âmbito público e privado, como frequentemente se vê em autobiografias de homens. Tampouco descreve uma jornada bem-sucedida de autoconhecimento. Em vez disso, Scott narra a experiência cotidiana de uma jovem imigrante estrangeira que se torna fisicamente inválida e mentalmente afetada depois de um parto difícil. Uma jovem inexperiente e apaixonada que trava embates diários envolvendo questões de gênero em uma sociedade altamente patriarcal, como a do Brasil dos inícios do século vinte. Narra também os conflitos de uma filha destituída pela família nuclear porque havia desafiado o provincianismo sulista ao escolher ser feliz ao lado de um homem casado.

Em seu *Women's autobiography: Essays in Criticism* (1980), mais precisamente no capítulo intitulado *Hiding the Selves*, Patricia Spack (1980) analisa como autobiografias de mulheres que fazem parte da vida pública, como a sufragista inglesa Emmeline Pankhurst, Dorothy Day, fundadora do movimento católico radical *Catholic Workers*, Emma Goldman,

⁵ “... os primeiros três anos no Brasil, escrita em prosa impressionista fragmentada, com alguns poemas ali lançados, um pouco de comentário crítico sobre a vida e, para finalizar, um teatro de sombra (sem direção de palco). É, entretanto, uma autobiografia sincera, não como as comuns, porque lá eu coloco sonhos e coisas assim *ipsis litteris* (eu escrevi quando estava morando na mina). (Tradução nossa) Nesse período, Evelyn Scott estava morando na pequena cidade de Vila Nova da Rainha (hoje Senhor do Bonfim), norte da Bahia, onde havia uma empresa americana que explorava manganês para fabricação de armas utilizadas durante a Grande Guerra.

Eleanor Roosevelt, e Golda Meir escondem o *self*. A autora destaca que, mesmo as autobiografias dessas mulheres bem-sucedidas na vida pública, são narrativas autobiográficas que eliminam o sentido de satisfação pessoal e auto-congratulação. Para a autora, ao fazerem tal escolha, ou seja, ao evadirem um *self* público em favor de um *self* passivo e privado, essas mulheres usam uma estratégia narrativa que reflete tanto um dilema como uma solução feminina. (SPACKS, 1980, p.132).

The multidimensionality of women's socially conditioned roles seems to have established a pattern of diffusion and diversity when they write their autobiographies as well. Thus, the established critical standards exclude women's autobiography-writing from the genre and cast into the "non- artistic" categories of memoir, reminiscence, and other such forms. (SPACK, 1980, p. 132)⁶

A autora observa também que as narrativas femininas usam irregularidade, falta de cronologia e fragmentação, e são organizadas em unidades autossustentáveis, em vez de capítulos que se complementam (SPACK, 1980, p.133).

Evelyn Scott tinha apenas vinte anos de idade quando começou a rascunhar as notas que se transformariam naquilo que a crítica da época identificou como uma obra prima do modernismo literário norte-americano (MAUN, 2012; WHITE, 1998). *Escapada* também expõe um *self* privado, marcado pela vulnerabilidade, doença e isolamento. Entretanto, longe de passivo, trata-se mesmo de um *self* resistente, constantemente reclamando a afirmação de uma identidade feminina intolerante com os padrões morais do *establishment* social tanto do país anfitrião como do seu país de nascimento.

Algumas palavras sobre exílio

De modo geral, a pessoa exilada é de imediato vista como alguém que abandona seu país de origem por causa de uma guerra, ou por perseguição política ou religiosa. A perspectiva mais ampla do conceito de exílio inclui também a emigração motivada por razões econômicas e a expatriação voluntária. Todavia, de um ponto de vista mais específico, o exílio pode estar circunscrito a um nível ainda mais pessoal. Isso acontece quando o indivíduo exilado é forçado a deixar seu país de nascimento por motivos extremamente privados, ou mesmo tabu, como um romance proibido por lei. Nessa perspectiva, faz sentido pensar em Evelyn Scott e seu companheiro como exilados também, não como fugitivos da lei

⁶ A multidimensionalidade dos papéis sociais a que as mulheres estão condicionadas parece ter estabelecido um padrão de difusão e diversidade quando elas escrevem suas autobiografias também. Assim, os padrões críticos estabelecidos excluem a escrita autobiográfica das mulheres do gênero [autobiografia] e as joga nas categorias “não-artísticas” de *memoir*, reminiscência, lembrança, e outras formas semelhantes. [Tradução nossa]

simplesmente, já que eles foram forçados a permanecer no Brasil depois da deflagração da Grande Guerra, tendo com isso passado por grande sofrimento.

A literatura ocidental clássica, particularmente no poema épico *Odisseia*, atribuído a Homero, e em *Édipo Rei*, de Sófocles, destaca a característica de sofrimento da condição do exilado. No entanto, novos conceitos foram surgindo a partir do século XIX, quando, segundo Bradbury e MacFarlane (1991), o exilado se torna alguém intrinsecamente associado com a condição alienante do homem e do mundo moderno.

Como uma voz prestigiosa do século XX, Adorno chama a atenção para que essa condição de alienação moderna se aplica a todas as pessoas, e que as que passam pelo exílio físico sentem essa condição mais fortemente. Ele mesmo viveu como exilado nos Estados Unidos e, para ele, todo escritor imigrante se sente mutilado ao se encontrar em um novo ambiente que lhe é completamente ininteligível (ADORNO, 1978).

Em linha de pensamento semelhante, Edward Said (2000) aponta que, no geral, qualquer pessoa que é impedida de retornar para seu país de nascimento pode ser considerada um exilado. E que a condição de exilado pode ser comparada a uma ferida que não cura, ou uma tristeza profunda separando um ser humano de sua terra natal, que jamais poderá ser superada (SAID, 2000, p.91).

Neste trabalho tomamos emprestado esta ideia de exílio para o caso de Evelyn Scott. Embora sua fuga tenha acontecido por “escolha”, tão logo chegou ao Brasil nos inícios de 1914 a escritora se vê impedida de retornar para os Estados Unidos devido às proibições de circulação impostas pela Grande Guerra. O motivo original da fuga, portanto, era de ordem muito privada, mas a razão para o impedimento do retorno (e possível reconciliação com sua terra natal) era de ordem pública universal. Nesse sentido, é possível dizer que ela se encaixa na categoria de exílio voluntário, sendo mais apropriado ainda o termo exílio autoimposto, pelo peso semântico maior que pode ser atribuído a este último.

Dificuldades específicas: ociosidade

Evelyn Scott vivenciava mudanças profundas no ano de 1913. Tudo acontecia muito rapidamente entre planejar fugir dos Estados Unidos e o primeiro desembarque, no Rio de Janeiro. Quando decidiu abandonar o conforto e a segurança da família sulista tradicional, ela imaginava que passaria por dificuldades de adaptação em um país estrangeiro tão desconhecido como o Brasil. Mas imaginava também que o amor e a admiração pelo companheiro de viagem superariam essas dificuldades. Entretanto, assim que chega ao país

anfitrião, ela percebe que as sensações vibrantes que havia experimentado durante o processo de escolha do refúgio romântico são de imediato substituídas por emoções perturbadoras tipicamente vivenciadas por indivíduos em situação de exílio. Isolamento, insegurança, medo, falta de pertencimento, vulnerabilidade e outros sentimentos semelhantes passam a compor a vida diária de Scott e, conseqüentemente, o quadro físico e mental da escritora durante a longa estadia de cinco anos no Brasil, de 1914 até 1919, quando a Grande Guerra já havia terminado.

Em *Escapada*, um aspecto desse quadro de emoções que emerge de forma particularmente avassaladora é a queixa de Evelyn Scott contra a permanente sensação de tédio que a perseguia, segundo ela, substantivamente explicada pela ociosidade da vida que levava.

Àquela altura, Scott estava longe de ser conhecida, mas já era uma escritora com grande potencial criativo. Se pensarmos no conceito de ócio criativo defendido contemporaneamente pelo italiano Domenico De Masi (2020), poderíamos suspeitar que a ideia de tempo livre ou ocioso pudesse ser bem-vinda aos olhos de Evelyn Scott. O autor esclarece que o ócio só é positivo quando visto pela ótica do pensamento grego segundo o qual as atividades que se distanciavam do aspecto estritamente físico, como a política, a poesia e a filosofia eram consideradas ociosas, portanto, superiores e dignas de serem referidas como capacidades intelectuais. (De MASI, 2000, p.11),

Mas isso não poderia ser aplicado ao caso de Evelyn Scott, que frequentemente atribuía a sensação de tédio ao ócio. Os tempos eram outros. O contexto social e as circunstâncias pessoais da escritora exigiam grande urgência na busca de soluções estratégicas de sobrevivência material. Seu processo criativo estava submetido a uma realidade concreta de pobreza, gravidez não planejada, doença, necessidade absoluta de aprender uma nova língua e confinamento doméstico “natural” reservado às mulheres daqueles inícios do século vinte. Por tudo isso, o ócio que Evelyn experimentava se traduzia como um espaço vazio onde ela queria ficar ocupada com tarefas que a fizessem suar, que a ajudassem a se distrair do seu drama pessoal. Enquanto John, como homem e provedor, dominava o espaço público trabalhando e criando aos poucos uma rede de relações sociais, Evelyn permanecia em casa, travando embates cotidianos com a falta do que fazer.

Já no capítulo inicial de *Escapada*, Scott se queixa do tédio que lhe invade a alma quando se vê absolutamente sozinha, sem ocupação, em um quarto de hotel barato no centro do Rio de Janeiro. Além de não ter o que fazer, ela não tinha com quem conversar, não apenas

porque estava cercada de pessoas de cultura diferente da sua, mas porque não articulava uma única palavra do idioma da nova cultura. Restava a ela apenas o companheiro de viagem, na verdade, seu único interlocutor. Mas tinha a questão da sobrevivência financeira, que obrigava John (nome que Evelyn dá a Cyril Kay-Scott na autobiografia) a ir à luta. O pouco dinheiro que o casal havia trazido dos Estados Unidos logo acabaria e ele precisava sair e desempenhar tarefas humilhantes, como carregar malas na Estação de trem, a fim de ganhar algum dinheiro para sobrevivência do casal no exílio autoimposto. “Quando John saía para trabalhar, eu ficava ali sentada no meu quarto, sem ter absolutamente nada com que me ocupar – nada além de meus pensamentos” (SCOTT, 2019, p.22). Pensamentos esses que já sinalizam a escrita como possibilidade de sobrevivência: “Peguei um lápis e um papel de minha bolsa. Se ao menos eu conseguisse escrever!” (SCOTT, 2019, p.22), diz para si mesma uma Evelyn Scott ansiosa por achar uma atividade que a ajude a administrar as barreiras culturais do novo ambiente social. E a primeira coisa que lhe vem à cabeça é escrever. Mas como escrever, se “minha mente estava vazia de pensamentos” (SCOTT, 2019, p. 22), pergunta-se angustiada com a constatação de que “a manhã passou com um tédio indescritível” (SCOTT, 2019, p.23).

Evelyn estava tão afetada pelo ócio e descolada do processo criativo, que só pensava em tarefas físicas. Ora no campo específico da maternidade, “Agora, tudo que eu mais quero é começar a fazer as roupas do meu bebê – [...] tenho cinquenta mil réis – doze dólares – e vou comprar o material imediatamente” (SCOTT, 2019, p.27), ora no campo doméstico mais amplo “Quando chegava em casa a escuridão vazia e pequena de nossa casa parecia sem limites. Eu não fazia nada a não ser cozinhar e limpar e jorrar baldes de água sobre o chão de tijolo. Eu não tinha interesse por qualquer outra coisa” (SCOTT, 2019, p.66). Dividida entre os papéis sociais de mulher em estado de hiperatividade doméstica e escritora em crise de pensamento, Evelyn sucumbia cada vez mais à incapacidade de pôr em prática o desejo de escrever.

No auge do impacto inicial da chegada, Scott tenta aliviar os efeitos da ociosidade e isolamento depois da longa espera pelo único interlocutor de que dispunha, dizendo para si própria: “John entra no quarto. Ele revigora meus olhos com seu sorriso. Eu o amo” (SCOTT, 2019, p.25). Ao mesmo tempo, ela tem de se conformar com a realidade de que “Quando John volta para casa à noite está cansado demais para conversar muito – até mesmo para planejar nosso futuro” (SCOTT, 2019, p.26).

Dupla Resistência: passado americano e presente brasileiro

Em meio à crise de emoções provocadas pela ociosidade e pela dificuldade de comunicação por causa da língua estrangeira, Evelyn Scott tem ainda de administrar um duplo movimento de resistência no exílio: resistência às barreiras impostas pela precariedade social brasileira do momento presente; e resistência aos valores puritanos americanos do passado que a levaram a abandonar o país. Esses dois movimentos de resistência permeiam a narrativa autobiográfica:

Embora eu não consiga compreender as afirmações maldosas dos jornais do meu país que, sem qualquer prova do que realmente aconteceu, excomungam a John e a mim com os termos mais vulgares, a exposição dessa injustiça me gratifica e dá uma confiança quase mística ao meu senso de correção moral. Sim, quero ser uma pária para ter condições de perceber totalmente do que os seres humanos são capazes. (SCOTT, 2019, p.28)

Quando decidiu fugir com um homem casado, Evelyn Scott tinha consciência de que enfrentaria ataques vindos de várias áreas do seu entorno social, inclusive da mulher de Cyril Kay-Scott, que lançaria mão de todos os mecanismos para atrapalhar os planos de felicidade do casal. A bem da verdade, estudiosos (acadêmicos e biógrafos) afirmam que o casamento de Cyril Kay-Scott já estava em declínio muito antes de ele conhecer Evelyn Scott. Mas sua mulher (denominada Louise em *Escapada*) pertencia à alta sociedade e era do tipo que não renunciaria ao status impresso em seu estado civil. Além disso, ela se sentia ferida em sua vaidade feminina ao ser trocada por uma mulher mais jovem. Evelyn chega até a compreender o lado de Louise, “[...] consigo compreender o sentimento de Louise ao atentar para sua posição de humilhação. [...] Em uma vida dedicada ao fingimento social, qual é a possibilidade de não ficar magoada” (SCOTT, 2019, p.35), reflete Scott em aparente tom de ponderação. Mas, em seguida, não esconde também a revolta contra o *establishment* como um todo: “[...] a sociedade é quase tão cruel com os inocentes envolvidos em seus escândalos quanto com os pecadores que deram origem ao desastre. [...] eu estou contra todas as pessoas que fazem as leis, que publicam os jornais [...] que condenam os que traem uma conformidade” (SCOTT, 2019, p. 35).

Até aqui estamos falando da resistência de Scott aos valores morais e sociais de seu país de origem, mas é preciso lembrar que ela lutava também para compreender e enfrentar conflitos estabelecidos com os modos e a cultura do país que sonhara como refúgio romântico. Em outras palavras, Scott tem mesmo é que enfrentar a dura realidade social de um Brasil ainda muito precário nos inícios do século vinte, começando pela infraestrutura do primeiro hotel onde se hospeda, no centro da capital da república:

Existe um aspecto fundamental da cultura relacionado ao sistema de encanamento. Nos sanitários indescritíveis há mensagens pedindo para não jogarem papel

higiênico nos vasos, baratas agitam-se na lata vazia usada como cesta de lixo, e de um prego despenca um pano ensebado com o qual deve-se limpar o assento de madeira. Existe uma banheira no hotel, mas eu fico com medo de pegar doença se tomar banho nela. (SCOTT, 2019, p.30)

Além de medo, dúvidas e incertezas, Evelyn tem de enfrentar o aprofundamento de uma crise de identidade sem precedentes, onde ela se pergunta “[...] quem eu sou. Quem é esse ser que sou eu. Quem é esse ser com quem fico sozinha todos os dias” (SCOTT, 2019, p.47). Nessa altura dos acontecimentos, paralelamente à crise de identidade, Evelyn Scott se vê na situação limiar tipicamente vivenciada pela maioria dos exilados, ou seja, uma crise de pertencimento onde ela não se encaixa nem no país que escolhera para refúgio, nem no seu país de nascimento: “[...] Eu sei que meu país não é nem aqui, em torno de mim, onde a luz pálida entre as folhas das bananeiras é fina e áspera, nem lá, onde as palmeiras balançam como meninas sonhando depois da dança da noite passada” (SCOTT, 1995, p.71).

O passado americano e o presente brasileiro se fundem em suas dificuldades específicas. Mas a escritora precisava fortalecer sua capacidade de resistência porque o enfrentamento da nova e precaríssima realidade exigiria muito mais dela, especialmente quando ela deu à luz a seu único filho, na então pequena e bucólica Natal, no Rio Grande do Norte. Ali os desafios seriam de ordem muito mais complexa, envolvendo várias questões sociais delicadas, destacadamente questões de gênero. O parto de Scott, que a deixou praticamente inválida, é um capítulo denso e muito complexo da autobiografia, merecendo atenção específica. Por isso, não será tratado neste trabalho.

O feminismo inusitado de Evelyn Scott

A rotina de Evelyn Scott, naquele Brasil que nada tinha em termos de infraestrutura e serviços, dependia necessariamente das circunstâncias impostas pelo trabalho do marido, inicialmente como representante, depois como auditor da Singer, uma fábrica americana de máquinas de costura muito popular à época. Quando Cyril Kay-Scott assumiu o segundo cargo, o casal precisou se mudar do Rio de Janeiro para a atual região Nordeste, onde inicialmente se fixaram em Natal. A essas alturas Evelyn já havia aprendido os rudimentos suficientes do português para estabelecer pelo menos algum tipo de comunicação mais elementar do dia a dia.

Como o companheiro costumava fazer viagens longas e frequentes, Evelyn Scott continuava a se sentir muito só. Durante sua ausência, o único contato humano possível era com os poucos *habitués* do hotel ou pensão onde o casal estivesse morando. Nesses lugares a

convivência era tensa. Evelyn costumava se ressentir do comportamento dos homens da localidade, a começar pelo proprietário do estabelecimento.

Desde que John viajou, o Senhor Evaristo gosta de vir até minha porta para conversar comigo. Ele nunca entra, não importa o quanto eu insista. Eu sei que isso é porque sou “uma senhora de respeito” e ele tem medo de John, e isso me dá raiva. Os homens mostram respeito por mim somente porque eles respeitam os pertences materiais de outros homens. Eles não me respeitam de verdade, eles respeitam a propriedade de John. (SCOTT, 2019, p.57)

O desrespeito dos homens à sua individualidade de pessoa provocava em Scott um desejo incontido de interlocução com as moradoras de reputação duvidosa no estabelecimento. Com as prostitutas, Evelyn Scott encontra algum conforto e possibilidade de interação. Eram, na verdade, as pessoas que despertavam nela interesse verdadeiro, as únicas com quem se sentia à vontade para exercitar seu português quebrado.

Encontrando-se afetiva e materialmente destituída em um país de cultura tão distante da sua, Evelyn Scott se identificava com aquelas mulheres permanentemente privadas das necessidades mais fundamentais. Naquele ambiente de humilhação imposto às mulheres, a escritora encontrava forças para fazer o que sempre soube fazer desde muito jovem em seu país: rebelar-se contra o *establishment*:

Quando saio e vou para o salão lúgubre e sujo encontro com frequência algumas das prostitutas e todas elas conversam comigo. Eu gosto delas. Sinto que elas são infinitamente superiores à maioria dos homens. E o Senhor Evaristo, com seu sotaque típico, me avisa em inglês para não me misturar com elas. [...] Ele de forma grotesca inclina a cabeça com reverência. O sorriso dele é patético, mas ele me irrita. Eu tinha vontade de dizer para ele que suas hóspedes eram tão adequadas quanto ele – provavelmente tão adequadas quanto eu (SCOTT, 2019, p.58)

Em outra situação, Evelyn Scott teve oportunidade de desafiar os padrões sociais do mesmo estabelecimento, subvertendo a ordem de importância dos papéis de gênero em uma situação que hoje identificamos como assédio sexual. Isso ocorreu por ocasião da visita de um hóspede que, além de ficar extremamente curioso com a presença da jovem estrangeira naqueles confins, apreciava o alto grau de conhecimento que a moça parecia ter. Na referida ocasião, Evelyn Scott não mediu esforços para, do lugar de uma mulher jovem, estrangeira e grávida, provocar desconforto em um homem que se encontrava dentro de seu próprio ambiente social:

HOJE o Sr. Ames se desculpou comigo por ter vindo ao meu quarto com tanta frequência. Ele está certo de que as pessoas estão falando de nós. [...] Minha resposta foi convidá-lo novamente e insistir que, quando ele entrasse, fechasse a porta (SCOTT, 2019, p.58).

Em *Escapada*, fica claro que Evelyn Scott vociferou o que pode ser chamado de feminismo precoce em diversas situações durante o longo e primitivo exílio nos trópicos. Um feminismo que abraçava a defesa daqueles que se encontrassem em situação de vulnerabilidade, como crianças, mulheres grávidas, adolescentes e assim por diante. A reação da escritora foi imediata, por exemplo, quando notou que, em uma das casas próximas à sua, em Natal, uma menina estava sendo espancada pela mãe:

[...] ontem, foram os gritos da neta que me perturbaram, e de forma tão insuportável que eu levantei da cama e fui até a casa para ver o que estava acontecendo. O lugar tem uma janela e uma porta solta onde eu bati. Como minha solicitação foi ignorada, eu simplesmente entrei sem esperar mais por nenhuma resposta. [...] Em meio a um amontoado de coisas, a neta agachada, quinze anos de idade, e a mãe, uma negra forte, estava batendo nela terrivelmente. [...] Ao ouvir meu grito, a mulher negra repentinamente deixou sua mão enorme cair e me dirigiu um olhar assustado de vingança. “*Porque veu aqui? Aqui é a minha casa.*” Eu estava com tanta raiva que fiquei feliz. Eu tomei consciência de uma força calculista em todo meu corpo. Eu lhe disse que iria procurar a polícia se ela batesse na menina de novo (SCOTT, 2019, p. 173-174).

Em outro contexto, ela também foi ágil em responder à violência doméstica praticada à sua volta quando percebeu que um dos vizinhos costumava espancar a mulher quase que diariamente:

Do lado oposto da nossa casa moram um homem, sua mulher e duas crianças pequenas, e o homem tem o hábito de espancar a mulher tão brutalmente que ela fica frequentemente confinada em sua cama por vários dias por causa disso. Eu deverei interferir no caso deles também e o clima será idêntico (SCOTT, 2019, p.157).

Também responde à altura quando, em diferente ocasião, testemunha outro protagonista da violência cotidiana agindo contra uma de suas vítimas. De novo, Evelyn se enche de coragem e, sem poder contar com a ajuda do companheiro, que estava ausente, vai pessoalmente enfrentar a situação:

[...] Todas as segundas-feiras, quando volta para casa, Aurelino espanca Maria Luiza e, pelos gritos no mato, eu sei que ele voltou. John vai ficar fora esta noite, então eu mesma vou até a choupana deles. [...] “Como você ousa bater em Maria Luiza? Como você ousa!” Eu digo. [...] Ele dá risadinhas, agarra na estrutura da porta. [...] Aurelino queria me dizer algum desaforo mas sua língua estava grossa e ele só conseguia gaguejar e dar risadinha e gaguejar e dar risadinha, sem articular coisa alguma. Eu grito com ele de novo. Ele continua gaguejando, mas sua cabeça balança e todo seu corpo despenca inclinado. Um pouco de medo surgiu dentro dele e é até mais forte do que sua estupidez. “Paciência! Paciência! Paciência, minha senhora,” ele diz (SCOTT, 2019, p.207).

Em *Escapada* são vários os exemplos de iniciativas destemidas de Evelyn Scott contra a violência social e familiar que vitimava sobretudo as mulheres no Nordeste daquele período. Todavia, em nenhum outro momento Evelyn se mostrou tão valente para combater a violência

do cotidiano miserável que testemunhava do que na ocasião em que seu filho, ainda bebê, esteve doente e precisou dos serviços de saúde pública da cidade de Natal.

[...] Jackie ficou muito doente e como nenhum médico viria vê-lo na chuva [...] eu me vesti e o levei até o hospital público. Em uma sala vazia, comprida, mulheres velhas e crianças, mães com bebês esperavam humilde e pacientemente em atitude de desânimo. Eu me sentei com elas. Um residente entrou assobiando, hesitou, olhou para elas curiosamente – inclusive para mim – torceu seu bigodinho, e saiu de novo. [...] as idosas esperavam e esperavam.[...] Sempre que um interno aparecia perto da porta elas olhavam para ele furtivamente, timidamente, mas suas pálpebras se abaixavam imediatamente. Uma mulher velha silenciosa estava chorando. [...] Uma mãe tinha um bebê com uma gaze na cabeça. [...] Minha irritação contra tudo que estava à minha volta me intoxicava de egotismo. Eu me levantei, saí atrevidamente da sala de espera e vaguei pelos corredores até encontrar um residente. Em seguida eu falei para ele com meu português quebrado que seu hospital era vergonhoso, que eu era uma pessoa acostumada com gentileza e bom trato, que eu estava esperando ali há mais de uma hora, e que eu deveria ser atendida imediatamente (SCOTT, 2019, p.162-3).

Naturalmente, a reação do médico residente foi de total perplexidade com o comportamento inusitado vindo de uma mulher. Para ele, talvez tenha sido a primeira vez em toda sua vida profissional, e mesmo pessoal, que ouvia a voz de uma mulher em tom firme e decidido. Podemos imaginar que a experiência tenha sido tão extraordinária que, na confusão, talvez fosse melhor mesmo respeitar a reclamação atendendo ao pedido:

[...] O residente, no começo, achou graça, depois ficou alarmado. Ele conseguia compreender muito pouco do que eu, em minha agitação, falava para ele, e ainda não sei se ele achou que eu era uma maluca ou uma moça de alta estirpe. De todo modo, foi imediatamente buscar um médico para mim, e conseguiu (SCOTT, 2019, p. 163)

Ao final, mesmo tendo sido atendida, Scott não conseguia evitar o sentimento de revolta contra as condições de sobrevivência do lugar, especialmente contra o tratamento dado às mulheres: “Quando saí daquele lugar eu estava com calafrios e tremendo e minha testa e mãos estavam cobertas de suor. [...] Deus me proteja da quiescência da fadiga, que faz com que aquelas mulheres paupérrimas fiquem sentadas ali hora após hora!” (SCOTT, 2019, p. 163)

Isolamento extremo: Cercadinho

À medida que a vida caminha, o estado de ânimo de Evelyn não muda. O sentido de isolamento atinge o ápice quando Cyril resolve comprar um pedaço de terra com o objetivo de plantar e de criar cabras no sertão da Bahia, mais precisamente em um local chamado de Cercadinho. Para Cyril, a iniciativa o ajudaria a ficar mais perto da família. Inicialmente suas impressões são positivas. A chegada triunfal da família em lombos de mulas provoca sensação. (SCOTT, 2019, p.187).

Para o companheiro de Evelyn Scott, a nova experiência de isolamento em um rancho parecia excitante. De certo modo, não deixava de representar um ato corajoso de conquista e exploração de uma terra praticamente intocada. O feito era sem dúvida favorável às realizações desempenhadas pelos homens. Mas Evelyn vivia outro processo emocional. Em Cercadinho, ela vivenciaria o limite extremo do isolamento, quando sua vida relacional se reduz ao mínimo: o contato com a mãe desequilibrada, que resolvera deixar os Estados Unidos para juntar-se a eles no Brasil, uma empregada que vivia com eles por lealdade, sem qualquer pagamento financeiro, e o filho pequeno.

Durante o período em que John ficou na serra medindo nossa terra, Nannette, Estephania, Jackie e eu moramos em uma casa pequena suja que pertencia ao telegrafista. [...] Somente dois dos aposentos tinham janelas, mas a porta dos fundos dava em um pequeno jardim descuidado com um muro alto cor de mofo [...]. Eu me senti só, separada de tudo, como uma espada apontando para cima, como se, na dor do isolamento, eu estivesse perfurando o céu, perfurando o mundo (SCOTT, 2019, p.174).

Depois de três anos de isolamento no sertão, o sonho de tornar Cercadinho uma terra produtiva é destruído pela seca e por uma série de doenças que atacam a fauna e flora, forçando o casal a enfrentar a falência do empreendimento, passar fome e chegar ao desespero. Nesse meio tempo, enquanto esperam que o destino os leve a qualquer outra aventura, Evelyn tenta vencer o ócio e se anima para fazer alguma coisa útil em benefício do povo humilde da terra. São suas últimas reservas de energia para tentar se integrar:

Já eu fico eternamente em busca de uma ocupação que me distraia, e estou ensinando Antonio e Jovina a assinarem seus nomes e a ler. Antonio, pesarosamente sério, gruda seu precioso toco de lápis em seu enorme punho moreno e empurra-o com labor em um pedaço de papel. *A-N-T-O-N-I-O B-I-S-P-O. A-N-T-O-N-I-O B-I-S-P-O.* Ele escreve repetidamente. As linhas fracas, curvando em direção à extremidade da página, despençam do espaço marcado. As marcas de lápis, na luz baixa, ficam muito apagadas. Ele levanta os olhos para mim e sorri insinuando estar cheio de si. Sua expressão é luminosa, mas é suavizada pela melancolia racial da qual ele não tem a menor consciência. “Agora, senhora, tenho muito orgulho. Estou muito orgulhoso,” ele diz. Eu sinto de modo relevante minha própria superioridade (SCOTT, 2019, p.254).

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos a autobiografia *Escapada*, de Evelyn Scott, uma obra que não apenas descreve com detalhes minuciosos o sofrido exílio de seis anos da jovem escritora americana no Brasil, como revela seu feminismo *avant la lettre*, sobretudo no desolado sertão da Bahia, onde Scott afirma ter vivido a experiência mais profunda de sua vida.

Inicialmente perguntamos em que medida escrever essa obra pode ter contribuído como elemento de resistência e sobrevivência às condições precárias do exílio e, ao mesmo

tempo, criar as bases para a escritora de sucesso que Scott se tornaria no futuro. O certo é que, no Brasil, especialmente no sertão da Bahia, ela enfrentou fome, isolamento quase absoluto e constantes crises de desespero. Mas também foi no ambiente inóspito e primitivo do exílio sertanejo que a grande escritora reuniu forças para fazer as anotações que serviram de base para a escrita de *Escapada*, uma obra hoje ainda desconhecida no Brasil, mas considerada pela crítica internacional especializada uma verdadeira obra prima do modernismo americano produzido por escritoras mulheres.

Na análise argumento que, no caso de Evelyn Scott, escrever a própria vida representa, por um lado, conexão com a nova realidade, e por outro, resistência à essa mesma realidade e à realidade do país que havia abandonado.

Estudiosos indicam que o discurso autobiográfico desafia outros discursos que circulam sobre a identidade da pessoa autobiografada. Em *Escapada*, ao circular seu próprio discurso sobre sua identidade de mulher, a escritora prodígio e feminista *avant la lettre* resistia tanto ao discurso patriarcal da precária realidade brasileira como ao discurso provinciano conservador de suas origens sulistas.

Para concluir, gostaríamos de reafirmar que a escrita de *Escapada* representa o espaço criativo que Evelyn Scott usa para sobreviver ao tédio provocado pelo ócio no exílio em um período de total invisibilidade da mulher no mundo, especialmente em uma sociedade tão patriarcal como a brasileira daqueles tempos. Ao mesmo tempo, o ato de escrever representa um espaço de resistência, tratando-se, portanto, de um discurso autobiográfico que desafia outros discursos em circulação à época e contra os quais Evelyn Scott sempre se rebelou. Vale destacar que questões de gênero certamente são aspectos definidores tanto da forma como do conteúdo da obra. Seja como for, para Scott, escrever naquele contexto era uma necessidade vital, como que o caminho sagrado de um rito de passagem final: “John e eu estamos tentando escrever. Nós escrevemos em qualquer coisa – pedaços de papel rasgado, papel de embrulho, porque papel é difícil de arrumar. [...] Escrever é como proferir suas últimas palavras” (SCOTT, 2019, p.228)

Referências

- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Trans. E.F.N. Jephcott. London: Verso, 1978.
- BRADBURY, Malcom. & MCFARLANE, James. (eds). *Modernism: A Guide to European Literature 1890-1930*. London: Penguin, 1991.
- DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro, 2000.
- MARCUS, Laura. *Auto-biographical discourses: theory, criticism, practice*. Manchester e New York, 1994.

- MAUN, Caroline. *Mosaic of fire: the work of Lola Ridge, Evelyn Scott, Charlotte Wilder and Kay Boyle*. South Carolina: University of South Carolina Press, 2012.
- ODITT, Sharon. *Displaced Persons: conditions of Exile in European Culture*. (2002), Burlington: Ashgate. p xii.
- SAUNDERS, Max. *Self Impression: Life-Writing, Autobiografiction & the Forms of Modern Literature*. Oxford, Oxford University Press, 2010.
- SCURA, Dorothy. Afterword. In: Evelyn Scott, *Escapade*, Charlottesville and London, University Press of Virginia, 1995 [1923]
- SCOTT, Evelyn. *Escapada*. Rio de Janeiro, Versal, 2019.
- SPACKS, Patricia. Selves in Hiding. *Women's autobiography: Essays in Criticism*. Bloomington, Indiana University Press, 1980, pp. 112-132, p. 112.
- WHITE, Mary. *Fighting the current: the life and work of Evelyn Scott*, Louisiana: Louisiana State University Press, 1998.

Recebido em: 09/08/2023; **Aceito em:** 10/12/2023.